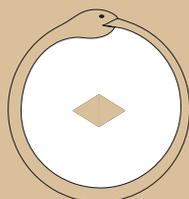
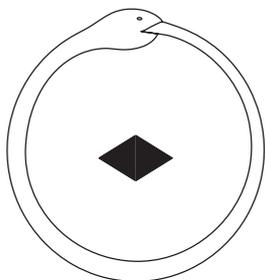


O POVO ADORNO  
E O HOMEM NU  
Els Lagrou



cadernos  
SELVAGEM



## O POVO ADORNO E O HOMEM NU

Els Lagrou

Texto apresentado na roda de conversas *Plantas Mestras*  
durante o *Selvagem, Ciclo de estudos sobre a vida*,  
no Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro  
em 14 de novembro de 2018

Quando estava pensando nesta fala, e estava conversando com a Anna (Dantes) e seu trabalho com o livro das medicinas da floresta dos Huni Kuin, ela me disse uma coisa muito interessante: disse que Agostinho tinha lhe falado que os Huni Kuin “resolveram partir para o encantamento”. E de fato. Já que, no cipó, a pessoa vira jiboia, quem começou este recente processo de expansão risomática pelo mundo não são os pajés, os jovens que levam o cipó para longe, os donos do canto, os *txana's*; é a própria floresta, a jiboia, *Yube*, cantando através da garganta destes mensageiros para acordar o planeta, para fazer ver os cegos, e fazer ouvir os surdos. É a floresta amazônica que, através do elixir de suas folhas e cipós, está entrando nos corações dos habitantes da floresta de pedra, que estão doentes.

A caça ao lucro a todo custo e todo preço, o povo da mercadoria que plantou seus pensamentos no acúmulo do dinheiro, mesmo se para isso fosse preciso fazer correr muito sangue, fazer correr a seiva de toda a floresta; este povo da mercadoria tem o pensamento curto, como já destacou Davi Kopenawa.

O pensamento curto do capitalismo moderno já tinha sido denunciado também por cientistas como Gregory Bateson que advogava uma ecologia da mente que andasse de mãos dadas com uma ecologia que fosse capaz de ver e escutar a língua dos seres não humanos: o canto dos golfinhos, a relação da abelha com a flor. Bateson denunciava a lógica dos circuitos demasiadamente curtos de causa-efeito do pensamento científico moderno, um pensamento não assistido pelos sonhos, pelas experiências visionárias, ou a arte, que revelam conexões mais amplas, não imediatamente dadas.

A consciência de que tudo está conectado e que todas as ações produzem reações, não somente gestos como também palavras, imagens vistas e pensamentos cultivados, é que subjaz o conhecimento xamanístico. Contam os mitos, em diversas versões, que nos tempos de antes do dilúvio (ou, em outros casos, antes do nascimento do sol), todos os seres falavam a mesma língua, se entendiam, e isso tinha a ver com a intercambiabilidade das formas. Quando a forma se fixou sob a capa de diferentes espécies, cada espécie se viu enclausurada no seu próprio mundo, na sua própria perspectiva corporal. Mas a fluidez das formas, a comunicabilidade das afecções e disposições dos diferentes seres, das diferentes espécies, não se perdeu, permaneceu escondido para se revelar para quem sabe ver.

Se a fé Ocidental venera o ‘homem nu’ que esconde sua nudez de baixo de roupas, a ontologia ameríndia entende todos os seres como ‘gente-adorno’. Retornaremos a esse ponto sobre o qual falaram ontem tanto Ailton Krenak quanto Luís Lana.

Para voltar a ouvir os *xapiri* dos Yanomami e os *yuxin* dos Huni Kuin, precisamos da estética relacional ameríndia que é ensinada pelos xamãs, pelos donos dos cantos e pelas donas do desenho, *kene*. Os donos dos cantos são seres do entre-dois, são rádios, como ensinaram os Araweté a Viveiros de Castro. Ser como um rádio significa saber transmitir a voz de outros seres, entrar na sua vibração e transmitir as suas mensagens. É isso que faz o xamã e, entre os Huni Kuin, todo aquele que passou pelo devir-anaconda na experiência com o cipó.

“Antigamente o povo sovinava muito mais o conhecimento do que hoje” falavam entre si as mulheres Huni Kuin envolvidas numa oficina de transmissão do conhecimento dos *kene* pelas mulheres do Purus para as mulheres do Tarauacá em 2014. Essa frase permite múltiplas leituras e uma delas ressoa com as frases de Agostinho Muru e Dua Busã ao fazerem o Livro Vivo: “Porque este material não vai mais ficar escondido como era... agora é para todo mundo ver.”

Se a temível Gaia, que se pensava passiva e dominada enquanto natureza, está castigando os Estados Unidos com enchentes, queimadas e furacões; *Yube* e outros grandes donos da floresta amazônica aplicam outra tática, apostando, ainda e por enquanto, no aprendizado, espalhando

seus tentáculos a capturar e seduzir alguns aliados, revelando o segredo para que o número dos guardiões da floresta possa aumentar.

O primeiro antropólogo a trabalhar com os Huni Kuin foi Ken Kensing, figura interessantíssima porque ele foi um missionário americano que chegou no Curanja, no Peru, para converter os Huni Kuin, mas foi por eles convertido em antropólogo. Kensing conta que tinha medo do *dauya*, especialista em plantas medicinais, o temia como feiticeiro e aliado do diabo, até descobrir que seria esta mesma figura que mudaria sua visão de mundo para sempre.

A conquista silenciosa de toda Amazônia e o assédio ininterrupto de missionários colonizadores de todos os credos não pode ser suficientemente enfatizado. Se no Alto Rio Negro foram os Salesianos, entre os Guarani os Jesuítas, agora são, em toda parte, as missões evangélicas, ninguém escapa. Se os Huni Kuin conseguiram converter seu primeiro missionário, Ken, isso não quer dizer que o trabalho parou por aí. Hoje é triste ver, como Zezinho Yube fala em seu filme *As Voltas do Kene*, como quase todo o Purus, desde o Peru às últimas aldeias no Brasil, foi tomado pelo movimento evangélico. Ainda bem que a resistência nos rios Jordão e Tarauacá está forte. Mas também no Purus alguns resistem, como Edivaldo Yukã e os irmãos Sebidua e Txana Shane, que não deixam a igreja entrar nas suas respectivas aldeias, construíram maloca de estudos de *Yube*, tomam cipó e sopram muito rapé, aplicam *kampun*, veneno de sapo, fazem de tudo para fortalecer corpo e mente e resistir.

Entre os Huni Kuin existem dois tipos de especialistas xamãs ou pajés: o *mukaya* ou *yuxiã* que cura diretamente com os espíritos e o *dauya*, conhecedor de plantas medicinais. O *mukaya* tem uma substância xamânica amarga, plantada no coração. Ele sabe sonhar e chamar os *yuxin*. Esse tipo de xamã tende a usar bastante rapé, especialmente quando quiser curar, retirar algo do corpo do doente ou procurar o espírito da pessoa doente que se perdeu. Este tipo de xamanismo é a mais difundida entre outros grupos, como entre os vizinhos dos Huni Kuin, os Kulina, no Xingu, e entre muitos grupos de língua Tupi. Entre os Huni Kuin, no entanto, vê-se poucos xamãs deste tipo. Dizem que os grandes morreram ou que vivem escondidos.

O que não vive escondido é o conhecimento da ayahuasca que nunca foi monopólio de um especialista. É preciso ter um especialista para

cantar e guiar o ritual, mas todos podem tomar. *Nixi pae* é a cura e a proteção dos caçadores jovens. É onde se negocia com os duplos da caça e com outros estrangeiros mais ou menos poderosos. É com o cipó que se faz, muitas vezes, o diagnóstico de uma doença ou problema que acomete alguém e uma vez conhecido a causa da doença, o *dauya*, aquele que conhece os remédios e venenos da mata, vai buscar as plantas e as aplica no paciente, ou explica para alguém como acha-las e aplica-las. A palavra *dauya* significa literalmente aquele que possui o *dau*. *Dau* significa remédio, veneno mas também enfeite e encanto. *Dau* é tudo isso, aqui plantas e enfeites se encontram no fazer e desfazer dos corpos.

O Ocidente inventou o homem nu que precisa se vestir desde o momento em que caiu no pecado, quando Eva aceitou a maçã oferecida pela serpente, assim desobedecendo a ordem de deus que não queria que eles descobrissem o segredo do conhecimento. O corpo nu se tornou fetiche. As pessoas passaram a sentir vergonha, precisando se cobrir, enquanto na arte grega se formulou o ideal estético do homem nu.

No Modernismo ocorreu todo um embate entre a estética clássica que venera a representação do homem nu, o homem como foi criado por deus, e o gosto pelo adorno e pelo desenho no corpo que no Ocidente chegou da Polinésia como tatuagem, apesar dos antigos escoceses serem conhecidos por suas pinturas corporais. O gosto pelo adorno passa a ser associado ao SELVAGEM, aquele que vive na selva e resiste à civilização Ocidental. Este gosto pelo adorno, diziam teóricos da arte moderna como Loos e Lombroso, era difícil de vencer e unia todos os coletivos minoritários: povos nativos, crianças, marinheiros, mulheres e loucos. Olha que agrupamento improvável, só o pensamento modernista para fazer este tipo de classificação.

Alfred Gell por sua vez mostra que de fato muito se esconde por trás desta aversão Ocidental ao adorno. Trata-se de uma civilização que pensa a pessoa, o indivíduo, como separado da sociedade e do mundo, separado da natureza. Esta separação entre homem e natureza está na origem do monoteísmo, mesmo se a consciência da ligação com a vida vegetal não morreu logo na Europa. Nos pilares das igrejas medievais do Século XI vemos a representação de gente-árvore, da força vital que une todos os seres vivos.

E é isso que os arabescos e a arte geométrica árabe também representam. O efeito cinético de motivos labirínticos que a tudo conectam e não deixam perceber uma figura separada de seu fundo; não deixam você ver uma figura sem simultaneamente ver a contra-figura; mostram outra teoria do ser: uma teoria fractal da pessoa relacional.

Como nos mostram os mitos ameríndios, o que temos aqui são mundos povoados por gente-adorno. Como disse Ailton Krenak ontem, “o homem é o enfeite do mundo”. O grande filósofo Walter Benjamin, por sua vez, chegou à conclusão que “Ornamentos são colônias de espíritos”. No mito Desana a gente-peixe vira gente-gente colocando os enfeites, cocares de penas e colares. E a avó do universo sai do pensamento a partir da junção de vários artefatos-enfeites, como explicou ontem Luis Lana: a avó do universo surgiu da junção do porta-cigarro, o próprio cigarro de tabaco, o banco, o cocar de penas...

O universo Huni Kuin também é povoado por gente-adorno. É por isso que os cantos do cipó desenham um verdadeiro campo de batalha estética para ver quem vai colocar seus colares, seus enfeites, seus desenhos, sua capa ou sua pele no espírito do olho solto a viajar pelo mundo dos seres-imagem, os *yuxin*. Enfeites amarram, mudam o ponto de vista, transformam; desenhos conectam, traçam caminhos, capturam.

*Dau* é folha, folha do mato que pode ser remédio ou veneno, mas *dau* é também enfeite. É encanto porque já foi gente que se transformou e tendo se transformado nunca deixou de ser gente virtualmente. Como discutimos ontem, a gente leva muito tempo para entender uma outra língua que esconde ou revela outro modo de ser, de ver, de perceber.

É preciso estudar os mitos fundadores, tanto nossos próprios Ocidentais que estão na Bíblia, na Grécia, estão com Descartes, com Kant e outros grandes pajés do Modernismo, quanto os mitos fundadores de outras ontologias. Mitos não são ilusões, eles nos revelam os alicerces estruturais que enquadram o mundo vivido. Os mitos revelam as relações e oposições estruturantes do pensamento.

Procurar a mesma oposição natureza/cultura que o modernismo consolidou com Descartes em outras ontologias, é, portanto, fazer as perguntas erradas para colher respostas igualmente equivocadas. Temos duas maneiras de explorar mundos desconhecidos e ambas as maneiras

são necessárias e deveriam ser exploradas com muita consciência desta estrutura relacional; a primeira procura encontrar semelhanças e, por analogia, estende conceitos a novas realidades. Tanto os conceitos originais quanto os novos fenômenos serão afetados por esta aproximação. Como o exemplo de Jeremy Narby ontem que mostrou como se lança nova luz sobre a dupla hélice do DNA ao coloca-la em ressonância com a jiboia amazônica.

Lévi-Strauss mostrou como a sensibilidade estética opera pela lógica das semelhanças tanto entre cheiros de coisas muito diferentes quanto de cores e formas. Este modo de agrupar as coisas é um modo de produzir conhecimento e assim a química vai de repente descobrir o que coisas que cheiram a cânfora têm em comum: sua composição química. Pelo fato do homem ser feito do mesmo material que os outros seres do mundo, Lévi-Strauss acreditava que com o tempo estética e ciência coincidiriam, como a matemática com a música.

A segunda maneira de estudar outros sistemas de conhecimento segue caminho complementar: é desconfiando de semelhanças excessivamente fáceis que vamos afinando a língua. Deste modo dizer que a ayahuasca remete ao inconsciente coletivo aproxima, mas pode também ocultar verdades muito mais interessantes e revolucionárias.

Como disse Roy Wagner, quando na Melanésia dizem que em troca da mulher é preciso a dádiva de muitos porcos, isso quer dizer que mulher na Melanésia é mercadoria? Se você vive num mundo mercantilista talvez, mas não na Melanésia, onde, pelo contrário, a vida toda girava em torno da fabricação de pessoas e na manutenção do delicado equilíbrio das relações de troca. Karl Marx mostrou como o capitalismo substituiu relações entre pessoas por relações de valor entre coisas. Na Melanésia e na Amazônia as coisas significam, ao contrário, o valor das relações entre pessoas, humanos ou não.

Esta técnica de levar a sério as diferenças tem sido criticada por alguns por opor nós e outros, como as sociedades com e sem escrita de Lévi-Strauss e as com e contra o Estado de Clastres, mas é preciso defender e entender o seu valor teórico e político. Trata-se de fazer uma inversão copernicana de perspectiva. Não são os outros, transformados em minorias com suas ontologias não-capitalistas, que giram em torno

de nós, o Ocidente que, como o novo presidente, quer ‘dar a todos os mesmo direitos’, por exemplo à terra, o que, neste caso, significa tirar a terra dos indígenas. Somos nós que giramos em volta destes tantos outros povos e vivemos um modelo relacional com o mundo que vem se mostrando insustentável.

O direito à igualdade só vale se ele prevê o direito à diferença. E nisso reside toda a diferença. As ontologias ameríndias se interessam pela multiplicidade, pelas microvariações, pelo diferir. Que “cada povo tem sua cultura”, foram eles que nos ensinaram. Como os Huni Kuin, Ashaninka, Krenak, Guarani, Yanomami, Desana. Assim também cada espécie tem seu próprio adorno a fabricar corpos e afecções específicas, modos de experimentar e viver mundos distintos. Daí a importância de levar a sério o *insight* capturado por Viveiros de Castro através do conceito perspectivismo e sua visão da natureza como variação.

Se o mito bíblico da torre de Babel narra o advento da incompreensibilidade das línguas humanas, os mitos ameríndios narram o advento da especiação como um processo em que cada povo/espécie ao adotar outro adorno ganha outro corpo e através deste outra perspectiva. Cada qual passa a viver dentro de sua natureza, sem esquecer que o mundo é povoado por múltiplos outros mundos.

A antropologia é aquela ciência, filha do Modernismo, que vai atrás do conhecimento destes outros mundos, mas é preciso muito tempo, muita humildade. Quando os novos pesquisadores indígenas, que agora estão finalmente entrando nas pós-graduações, dizem que “antropólogo não sabe nada”, eles têm razão; mas no sentido do filósofo que disse que é preciso muito estudo e muita reflexão para saber que não sabemos nada. Frente a essa constatação é urgente e necessário mudar nosso modo assertivo de falar e de ousar expor a dúvida.

- Bateson, Gregory. *Steps to an ecology of Mind*, University of Chicago Press, 1972.
- Beltin, Hans. Florence & Baghdad. *Renaissance Art and Arab Science*, Harvard University Press, 2011.
- Clastres, Pierre. *A sociedade contra o estado*, Editora Cosac & Naify, 2003 (1974).
- Baschet, Jérôme, Bonne, Jean-Claude, Dittmar, Pierre-Olivier. *Le monde roman. Par-delà le bien et le mal. Une iconographie du lieu sacré*, Arkhe, 2012.
- Gell, Alfred. *Arte e agência. Uma teoria antropológica*. Editora Ubu, coleção argonautas, 2018 (1998).
- Lagrou, Els. “Anaconda-becoming: Huni Kuin image-songs, an amerindian relational aesthetics”, in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 24, n.51, maio/ag., 2018, 17- 49.
- Lagrou, Els. *Arte indígena no Brasil*. Belo Horizonte: ComArte, 2009.
- Lagrou, Els. “Learning to see in Western Amazonia: how does form reveal relation?”, in *Social Analysis*, Volume 63, N.2, 2019, 24-44.
- Desana Kehipõrã, Umusi Pãrõkumu, Torãmu Kehiri, *Antes o Mundo não existia* (1980), 3a edição, Dantes Ed. 2019.
- Lévi-Strauss, Claude. *O pensamento selvagem* (1962). Editora Papirus, 2016.
- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce. *A queda do céu*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015 (2010).
- Ika Muru, Agostinho Manduca Mateus, Alexandre Quinet. *Una Isi Kayawa. Livro da cura do povo Huni Kuin do rio Jordão*, Rio de Janeiro: CNCFlora / JBRJ, Dantes Ed., 2014.
- Taussig, Michael. *The Corn Wolf*, The University of Chicago Press, 2015.
- Viveiros de castro, Eduardo. *Araweté. Os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ ANPOCS, 1986
- Viveiros de castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. Companhia das Letras, 2013.
- Wagner, Roy. *A invenção da cultura*, Cosac & Naify, 2010.
- Zezinho Yube. *Kene yuxi, As voltas do kene*, Vídeo nas aldeias, 2010.